



CONJUGALIDADE EM ATRITO: POSSÍVEIS MOTIVOS NA MODERNIDADE LÍQUIDA

CONJUGALIDAD EN FRICCIÓN: POSIBLES RAZONES EN LA MODERNIDAD LÍQUIDA

CONJUGALITY IN FRICTION: POSSIBLE REASONS IN LIQUID MODERNITY

Walison Farley¹

RESUMO: O presente trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório descritivo que aborda o tema da conjugalidade em atrito e seus possíveis motivos, na denominada modernidade líquida. Objetivava-se discutir e analisar os conflitos presentes em relacionamentos conjugais heterossexuais, em situação de casamento e/ou união estável, com habitação conjunta por meio de acordo tácito, verbal, registrado em cartório e/ou por celebração religiosa. Para tanto, foram estipulados os seguintes objetivos específicos: a) identificar e discutir possíveis padrões prevalentes nas relações conjugais contemporâneas; b) identificar as possíveis transformações ocorridas nos modelos conjugais na sociedade brasileira contemporânea; c) discutir e analisar os relacionamentos conjugais na contemporaneidade, sobretudo no que tange aos muitos conflitos presentes em tais relacionamentos, e d) conhecer o que se tem discutido, em diferentes campos do saber, sobre os relacionamentos conjugais no contemporâneo. Assim, em uma perspectiva multidisciplinar, conta-se com a contribuição de autores diversos, destacando-se Bauman, Rollo May, Rogers e Stevens, Perls, Polster, Hycner, dentre outros. Foi realizada uma pesquisa de campo, por meio de entrevistas com cinco profissionais que atuam na clínica em atendimento a casais, além de pesquisa documental em registros públicos. A análise deu-se, portanto, por triangulação de métodos. Pode-se verificar que, ainda que coexistam diversos valores sociais hegemônicos, o relacionamento conjugal não possui atualmente um padrão prevalente ou fixo para se estabelecer. Percebe-se, ainda, que, diante das tantas alterações que se inscrevem nas diversas culturas, não somente a brasileira, a relação de conjugalidade mantém alguns traços do patriarcado (baseado na presença de pai, mãe, filhos e hierarquia), contudo vem-se construindo e reeditando-se de modo “inventivo” na sociedade. A pesquisa apontou, também, que existem múltiplas fontes de conflitos, porém, em muitos casos, eles se estabelecem e se mantêm associados a questões de ordem comunicacional entre as partes.

PALAVRAS-CHAVE: Conjugalidade; Relação conjugal; Família contemporânea; Atrito conjugal.

RESUMEN: El presente trabajo consiste en una investigación cualitativa con carácter exploratorio descriptivo que aborda el tema de la conyugalidad friccional y sus posibles causas, en la llamada modernidad líquida. El objetivo es discutir y analizar los conflictos presentes en las relaciones conyugales heterossexuales, en situación de matrimonio y / o unión estable, con vivienda conjunta mediante acuerdo tácito, verbal, registrado ante notario y / o mediante celebración religiosa. Para ello, se establecieron los siguientes objetivos específicos: a) identificar y discutir los posibles patrones prevalentes en las relaciones conyugales contemporáneas; b) identificar las posibles transformaciones ocurridas en los modelos conyugales en la sociedad brasileña contemporánea; c) discutir y analizar las relaciones maritales en la época contemporánea, especialmente en lo que respecta a los múltiples conflictos presentes en dichas relaciones, y d) conocer lo que se ha discutido, en diferentes campos del conocimiento, sobre las relaciones maritales en la actualidad. Así, en una perspectiva multidisciplinar, se cuenta con la contribución de varios autores, entre los que destacan Bauman, Rollo May, Rogers y Stevens, Perls, Polster, Hycner, entre otros. Se realizó una investigación de campo, a través de entrevistas a cinco profesionales que laboran en la clínica para atender a las parejas, además de una investigación documental en registros públicos. El análisis fue, por tanto, por triangulación de métodos. Se puede observar que, aunque coexisten varios valores sociales hegemónicos, la relación conyugal no tiene actualmente un patrón prevalente o fijo para establecerse. También se advierte que, dados los muchos cambios que se inscriben en las diferentes culturas, no solo la brasileña, la relación conyugal mantiene algunos rasgos de patriarcado (basados en la presencia de padre, madre, hijos y jerarquía), sin embargo construir y reeditar de manera “inventiva” en la sociedad. La investigación también

¹ Graduado em Psicologia pela PUC Minas unidade São Gabriel. walisonffarley@gmail.com

señaló que existen múltiples fuentes de conflictos, sin embargo, en muchos casos, se establecen y permanecen asociadas a cuestiones de comunicación entre las partes.

PALABRAS CLAVE: Conyugalidad; Relación conyugal; Familia contemporánea; Fricción matrimonial.

ABSTRACT: The present work consists of a descriptive exploratory qualitative research that deals with the theme of conjugality in friction and its possible motives, in the denominated liquid modernity. The objective is to discuss and analyze the conflicts present in heterosexual marital relationships, in a situation of marriage and / or stable union, with joint housing through tacit agreement, verbal, registered in a notary and / or religious celebration. For this purpose, the following specific objectives were stipulated: a) to identify and discuss possible patterns prevalent in contemporary marital relations; b) identify the possible transformations that occurred in the conjugal models in contemporary Brazilian society; c) discussing and analyzing conjugal relationships in contemporary times, especially with regard to the many conflicts present in such relationships, and d) knowing what has been discussed in different fields of knowledge about conjugal relationships in the contemporary. Thus, in a multidisciplinary perspective, the contribution of several authors, notably Bauman, Rollo May, Rogers and Stevens, Perls, Polster, Hycner, among others. A field survey was conducted, through interviews with five professionals who work in the clinic in care of couples, as well as documentary research in public records. The analysis was therefore by triangulation of methods. It can be verified that, although several hegemonic social values co-exist, the conjugal relationship does not currently have a prevalent or fixed pattern to establish. It is also perceived that, in view of the many changes that are registered in the different cultures, not only the Brazilian, the relationship of conjugality maintains some traits of patriarchy (based on the presence of father, mother, children and hierarchy) being built and re-edited in an "inventive" way in society. The research also pointed out that there are multiple sources of conflicts, but in many cases they are established and are associated with issues of communication between the parties.

KEYWORDS: Conjugality; conjugal relationship; Contemporary family; conjugal friction.

1 INTRODUÇÃO

Diante da constante transformação por que passa a sociedade brasileira no que se refere aos muitos arranjos conjugais presentes em nossa sociedade, foi despertado o interesse diante da frequência com que são demandados os órgãos públicos para atendimento a solicitações diversas (POLÍCIA MILITAR DE MINAS GERAIS, 2019) associadas a atritos decorrentes da relação conjugal. Some-se a isso a experiência pessoal que tenho em prestação de serviço público a um órgão público estadual. Tal inquietação aliou-se aos conhecimentos adquiridos no percurso da graduação, resultando, tudo isso, nesse trabalho acerca das relações conjugais em atrito.

Isso se deve ao entendimento de que os conflitos conjugais podem causar, em geral, ansiedade e angústia nas relações pessoa a pessoa. A partir de ideias de pensadores contemporâneos e clássicos — que, ainda que não tenham vivido a pós-modernidade são clássicos justamente por se manterem contemporâneos —, este trabalho teve por objetivo conhecer e analisar os possíveis motivos dos conflitos presentes nos relacionamentos conjugais na atualidade, além de proporcionar o desenvolvimento de material de estudo, com valor acadêmico, para o trabalho do psicólogo, e possibilitar melhor qualidade de vida àqueles que se propuserem a conhecer a temática.

Para delimitação do objeto de estudo, dados os limites que ele alcançou, foi pesquisada a conjugalidade ligada apenas aos vínculos de parceria amorosa heterossexual; em casamento e/ou união estável; com habitação conjunta por meio de acordo tácito, verbal, registrado em cartório e/ou por celebração religiosa.

O objetivo geral é discutir e analisar os conflitos presentes em relacionamentos conjugais heterossexuais na modernidade e estipulou-se quatro objetivos específicos: a) identificar e discutir possíveis padrões prevalentes nas relações conjugais contemporâneas; b) identificar as possíveis transformações ocorridas nos modelos conjugais na sociedade brasileira contemporânea; c) discutir e analisar os relacionamentos conjugais na contemporaneidade, sobretudo no que tange aos muitos conflitos presentes em tais relacionamentos, e d) conhecer o que se tem discutido, na literatura psicológica e social, sobre os relacionamentos conjugais no contemporâneo.

2 REFLETINDO SOBRE CONFLITOS NOS RELACIONAMENTOS

O homem diferentemente de outros seres vivos quaisquer, invariavelmente se coloca a realizar eventos que não são de sua natureza para poder, então, viver uma condição humana (ARENDT, 2010). Situações essas que são “impostas ao homem por ele mesmo, na busca pela sobrevivência, tais como a cultura, a família, o modo de pensar e agir etc.” (SEVERO *et al.*, 2017). Desta forma, o indivíduo se presta a fazer suas criações, seus trabalhos, ou até mesmo, a se comportar em prol da satisfação alheia, em conseguir a aprovação do outro, em detrimento de muitas de suas próprias vontades, como se verá ao longo do texto.

Na contemporaneidade, de acordo com o sociólogo Zigmunt Bauman (2004), a liquidez da modernidade se verifica na fragilidade das relações, nas redes de amizade e em seus consequentes “relacionamentos de bolso”, na velocidade das trocas (relacionais, afetivas, consumistas) que são praticamente impostas ao indivíduo. O que se traduz em novas configurações que se inscrevem nos relacionamentos humanos atuais.

Essas novas configurações, ou simplesmente mudanças, ocorrem onde se insere o “*Homo sapiens*”. Deste modo, devido à gama de instituições e locais de inserção do homem, tomaremos, a título de exemplo, a família, como instituição social, para discorrer sobre tais mudanças, de acordo com o que afirma Singly (2007), ao falar de estudos realizados na França sobre o número de casamentos ter diminuído, o de divórcios ter aumentado, assim como os nascimentos fora do casamento, entre outros dados. Aquele autor debate a mudança dos padrões da família contemporânea a partir da segunda metade do século XIX (2007). Para não

parecer um dado ou fato distante de nossa realidade nacional, podem-se citar os resultados de pesquisas conduzidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), que ratificam essa mudança. Com base nos dados da última publicação, houve queda de 3,7% dos casamentos; de 5,1% no total de nascimentos; e aumento de 2,38% na taxa de divórcios. Em números absolutos, 41.786, 151.409 e 15.566 registros, respectivamente. Quais seriam as variáveis na dinâmica social que poderiam provocar tais fenômenos?

Na atualidade, a quais normas, regras, modelos as pessoas têm se atrelado e nelas baseado suas condutas?

É sobre isso que este trabalho procurou discorrer e entender: quais seriam as possibilidades ou os elementos que concorrem para que ocorra esse fenômeno que angústia homens e mulheres em suas relações conjugais? Por qual motivo os indivíduos não se deixam afetar pelo seu próximo no âmbito conjugal, no sentido que defende a etnóloga Jeanne Favret-Saada, em “correr o risco de ‘participar’ ou ser afetado por” (FAVRET-SAADA apud SIQUEIRA, 2005, v. 13, p. 161)? De permitir a interação real com o outro? Por quê se permitem, muitas vezes, apenas o que se pode denominar “cultura do *Self*”, da individualização?

Parece que as novas configurações familiares trazem em si grande ansiedade, se as analisarmos, de acordo com Rollo May, ao afirmar que define “a ansiedade como a apreensão sugerida por uma ameaça a algum valor que o indivíduo sustenta como essencial para a sua existência como um eu.” (MAY, 2000, p. 104).

O modelo de família patriarcal, que predominou no Brasil até a segunda metade do século XIX, está em constante mudança, e as pessoas, no geral, se adequam à sua cultura. Os valores do século passado já não são idênticos aos de hoje, de forma a confirmar o que May alegava ainda nos anos sessenta do século passado:

Certamente, uma das razões mais claras para a prevalência da ansiedade na nossa cultura é o fato de que vivemos numa época em que quase todos os valores sociais estão mudando radicalmente, em que um mundo está morrendo e o novo ainda não nasceu. (MAY, 2000, p. 111).

Ainda, pensando nessa modificação dos tempos, e relacionando-a a flexibilidade das relações que Bauman discute, os conflitos entre os indivíduos podem se dar através da fraca ou falsa interação que se estabelece entre eles. Conforme Hycner (1995, p. 68-69), há um problema, se um indivíduo interage com o outro somente vendo-o como “um meio para um fim” e pretendendo não ter o outro como um objetivo. Ou seja, nos conflitos atuais, o eu é o que

importa, importa falar sobre aquilo que eu acho importante, o que o outro tem a dizer é irrelevante. Novamente, vê-se aqui a chamada “*cultura do Self*”.

3 DIÁLOGO ENTRE TEORIA E EXPERIÊNCIAS NA CLÍNICA

Baseando em argumentos relacionados à frequência e algumas demandas que podem ser criadas a órgãos públicos a partir dos atritos conjugais; a uma certa cronologia da construção do modelo familiar como o conhecemos; sobre historicidade e necessidade de sustentar um *status* diante do outro e pautado na metodologia adotada para o trabalho, faz-se a comparação dos testemunhos e posicionamentos de autores diversos e dos participantes do estudo, como se pode verificar adiante.

3.1 Aspectos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório descritivo. Além da revisão bibliográfica, foi realizada uma pesquisa de campo e outra documental junto a Polícia Militar de Minas Gerais, e análise por triangulação de métodos.

A pesquisa documental foi realizada através de documentos internos da Polícia Militar de Minas Gerais, coletados diretamente em uma de suas unidades operacionais.

A pesquisa bibliográfica foi feita através dos bancos eletrônicos de dados das plataformas Scientific Eletronic Library Online (SciELO); Google Scholar (Google Acadêmico) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Também através de textos diversos adquiridos no percurso da graduação do autor.

A pesquisa de campo tratou do contato com cinco profissionais que atuam na clínica com atendimento a casais (predominantemente belo-horizontinos).

A entrevista semiestruturada, que se baseou em um roteiro com cinco perguntas norteadoras, foi conduzida com os entrevistados que assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, e também receberam uma deggravação da nossa interação para verificação.

Os entrevistados, que terão suas identidades preservadas, serão qualificados, para fim de vinculação de suas falas, conforme o quadro a seguir:

Qualificação dos entrevistados

Entrevistado	Sexo	Tempo de formação	Abordagem	Tempo de experiência com casais
E	Feminino	> 12 anos	Sistêmica	> 5 anos

P	Feminino	> 45 anos	Esquizeoanálise	> 40 anos
R	Feminino	> 15 anos	Terapia Cognitivo Comportamental	> 8 anos
W	Masculino	> 45 anos	Psicossocial	> 40 anos
WI	Masculino	> 30 anos	Psicanálise	> 30 anos

Fonte: Dados da Pesquisa

A análise por triangulação de métodos foi escolhida devido ao fato do objeto de estudo da pesquisa ser atravessado por múltiplos fatores e devido os dados terem sido coletados em diversas fontes e através da posição de diversos informantes. À luz do que postula Brisola (2014) buscou-se interpretar, categorizar, contextualizar, triangular e estabelecer a interconexão entre todas as informações (BRISOLA, 2014).

3.2 Posicionamentos diversos

Tendo em vista os aspectos que foram abordados até aqui, a partir de minha experiência profissional no estado de Minas Gerais, nos municípios de Belo Horizonte e região metropolitana, dos meus estágios acadêmicos e dos relatos dos entrevistados neste estudo, visualizo que as pessoas querem reproduzir, e cobrar de seus pares, um modelo de amor e um padrão comportamental em seus relacionamentos amorosos tal qual o já conhecido por elas em seu dia a dia. Digo, aquele que é trazido a partir de ideias naturalizadas e introjetadas, oriundas dos modelos visualizados e vivenciados no lar parental, nos lares de seus próprios ascendentes e nos demais espaços em seus percursos de vida. Essa experiência prévia é refletida a nível comunicacional, de acordo com o entrevistado R, mas também pode ser refletida a nível comportamental, conforme realata o entrevistado P. Falando de outro modo, o que o sujeito aprende e é acostumado a fazer durante seu desenvolvimento, irá certamente reproduzir e afirmar em seus relacionamentos interpessoais.

Sendo assim, essa reprodução, pela perspectiva humanista, já no final do século XX, em Rogers e Stevens (1978), foi tratado, e por certo ainda atual, o assunto sobre orientação de valores, objetivos que respeitam e a consequente possibilidade de se estabelecer na vida do indivíduo a maturidade psicológica. Assim, eles afirmam:

Em todos os seus aspectos, a cultura mundial parece cada vez mais científica e relativista, e parecem anacrônicas as opiniões rígidas e absolutas sobre os valores que nos vêm do passado. Talvez ainda mais importante seja o fato de que *o indivíduo contemporâneo é agredido por todos os lados por afirmações divergentes e contraditórias de valor*. [...] Nesta situação, não é de surpreender que *as orientações de valor do passado pareçam em estado de desintegração ou colapso*. (ROGERS; STEVENS, 1978, p. 13, grifos do autor)

Logo em seguida, é discutido na obra como em nosso percurso vamos, da infância para a vida adulta, paulatinamente deixando de lado nossas vontades e desejos, ou seja, abandonamos a “tendência de todo ser vivo para mostrar preferência, em suas ações, por um tipo de objeto ou objetivo, em vez de outro. [...], quando um organismo escolhe um objeto e rejeita outro” (ROGERS; STEVENS, 1978, p. 15). Isso a nível de processo organísmico, ou seja, onde o elemento “é de algum modo pesado, e selecionado ou rejeitado, [...] e isso depende de fato de, nesse momento, permitir ou não a realização do organismo” (ROGERS; STEVENS, 1978, p. 16).

Parece até irracional, dizer que um adulto não sabe o que quer para si, aquilo de que gosta ou não, que lhe faz ou não mal (ROGERS; STEVENS, 1978, p. 17). Entretanto, fazendo um breve paralelo, o que aqui se discute é abordado na teoria psicanalítica proposta por Freud (1917), especificamente em seu texto “Uma dificuldade no caminho da psicanálise”, essa dificuldade em estabelecer a própria vontade, aquela que é enraizada, original no próprio sujeito, em efetivamente conseguir praticar uma ação que irá, de algum modo, lhe proporcionar mais prazer. De acordo com a sua reflexão de que “o ego não é o senhor da sua própria casa”, e por muitas vezes o homem não se reconhece naquilo em que faz.

De volta ao humanismo, Rogers e Stevens, ao explicar esse processo valorizador, conduzem-nos a raciocinar sobre a vida do bebê (ROGERS; STEVENS, 1978, p. 16) na maneira simples, prática, instintiva, flexível e variável que ele escolhe seu alimento, quando gosta ou não dele, utilizando assim o “valor operativo”, e como a pessoa acaba crescendo e aprendendo, e introjetando, valores que não são seus, ou seja, como deixa o centro de valorização passar a ser o outro, aquele a quem se confia, que é significativo e que ele acredita que “sabe” todas as coisas.

Conforme aqueles autores alegam, o adulto acaba comprando o amor, do próximo, ao renunciar o processo de valorização, e ao introjetar valores diversos que não são próprios, para dele receber a devida “**aprovação, afeição e consideração social**” (ROGERS; STEVENS, 1978, p. 31, grifo do autor).

O oposto ocorre com aquele amadurecido psicologicamente. Esse prefere manter em si o centro de valorização, e “geralmente, nessa preferência existe antecipação ou previsão do resultado do comportamento dirigido” (ROGERS; STEVENS, 1978, p. 15), ou seja, ele pega aquilo que gosta, que lhe satisfaz, e reflete sobre ele, estabelece conscientemente os porquês de o realizar ou não, segundo seu próprio querer, sem ser influenciado por nenhuma outra fonte definida por outros.

E o que isso tudo tem a ver com os conflitos conjugais? Desta feita, pretendo demonstrar a gênese, uma possibilidade dela, “diversificada das miríades de valores concebidos que os indivíduos frequentemente introjetam e consideram como seus” (ROGERS; STEVENS, 1978, p. 20). Qual o problema que isso pode acarretar? Transportando para a relação conjugal, o casal, ou um dos envolvidos, não psicologicamente maduro entrega

[...] aos outros o centro de valorização, e perdeu o contato com seu processo de valorização, a pessoa se sente profundamente insegura e facilmente ameaçada em seus valores. Se fossem destruídas algumas destas concepções, o que ficaria em seu lugar? Esta possibilidade ameaçadora faz com que mantenha suas concepções de valor com mais rigidez ou maior confusão, ou as duas coisas. (ROGERS; STEVENS, 1978, p. 21)

Pois como disse Perls, o sujeito que, sem consciência própria, constantemente age assim “não pode ver claramente suas próprias necessidades e, portanto, não pode satisfazê-las. Não pode distinguir adequadamente entre si e o resto do mundo.” (PERLS, 1988, p. 41).

E sobre essa interação com o próximo, Polster (2001) afirma que “todas as pessoas administram sua energia de modo a obter um bom contato com seu ambiente ou para resistir ao contato.” (POLSTER, 2001, p. 85). E essa energia é aquela que move e é escolhida pela pessoa para interagir e lidar com o mundo, seja para entrar em contato com ele ou resisti-lo.

O bom contato é aquele em que o sujeito consegue ser autônomo, autêntico, psicologicamente maduro em suas decisões, que não é influenciado em seus valores por outros, a não ser ele mesmo, e “mantém o senso ampliado e profundo do outro com quem o contato é feito.” (POLSTER, 2001, p. 105).

De maneira oposta, o indivíduo, ou o casal, que tem dificuldade nesse contato, que resiste à interação, de acordo com Polster (2001), pode usar um dos “cinco canais principais de interação resistente” a saber: introjeção; projeção; retroflexão; deflexão e confluência. Todavia, não irei tratar de todos esses conceitos, mas alguns deles serão explicados no decorrer do texto, como forma auxiliar à análise que empreendo.

Um deles, é a acima citada “introjeção”, comentada analogamente por Rogers e Stevens (1978). Ou seja, é aquela situação em que, por motivos vários, a pessoa “investe sua energia na incorporação passiva daquilo que o ambiente proporciona” (POLSTER, 2001, p. 85). De forma que ele continua ao dizer que

[...] a pessoa que engoliu ‘sem mastigar’ os valores de seus pais, de sua escola e de sua sociedade clama que a vida continue sendo como antes. Ela é um terreno fértil para a ansiedade e a defensividade [...] de modo a apoiar os padrões introjetados [...] com seu senso “pré-fabricado” de certo e errado. [...] isto é, [...] ainda paga um alto

preço, pois abriu mão de seu senso de escolha livre na vida.” (POLSTER, 2001, p. 87).

De acordo com o relato do entrevistado R, sobre o padrão de comunicação ser “re-transmitido”, e fazendo um diálogo com a questão sobre valores, operativo e pensado, e a introjeção, mais um fator relacionado à conversação que pode surgir nos conflitos conjugais, ou influenciá-los, é a qualidade ou a escolha pelo modo do diálogo.

Consoante a Hycner (1995), na relação dialógica, a comunicação que pode vir a ser “inteiramente não-verbal”, apenas com olhares, por exemplo, mas que necessariamente deve ter a “abertura e intenção com que uma pessoa encontra a outra e a resposta recíproca dessa pessoa”. Pode ser um diálogo genuíno, que é aquele que os envolvidos realmente “tem em mente o outro ou os outros, em seu ser presente e único e se volta para eles com a intenção de estabelecer uma relação mútua e viva entre ambos”. Ou um diálogo técnico, como o que ocorre na maior parte do tempo numa sala aula, onde um conhecimento ou entendimento pretende-se passar. E ainda há o monólogo disfarçado de diálogo, que promove a falsa interação, onde “não há interesse real ou preocupação com a ‘alteridade’ da outra pessoa.”, assim cada um fala consigo mesmo na presença do outro. (HYCNER, 1995, p. 67-80). O que pode confirmar a experiência clínica do entrevistado R, que diz que “grande parte dos casais, ou a maior parte deles, que entram em crise; eles possuem déficits nessas duas habilidades” (comunicação e resolução de problemas) (Entrevistado R)*.

Igualmente, Bauman afirma que “o fracasso no relacionamento é muito frequentemente um fracasso na comunicação” (BAUMAN, 2004, p. 25). Contudo, a pesquisa de campo demonstrou que o relacionamento conjugal não é tão mau, ou a própria situação em que ele se encontra, pois, alguns dos entrevistados chegaram a comentar suas experiências clínicas sobre algumas situações que remetem ao discutido acima, como será visto logo adiante.

Nessa lógica de raciocínio, ainda que conflitiva, a união é e continua a ser desejada, conforme relata o entrevistado E, que afirma que seus clientes não banalizam seus relacionamentos e que eles “mesmo diante das dificuldades, eles optam por fazer uma tentativa” e isso é compreendido por ela como um modo que ainda buscam de poder, em relação a essa união, “organizar e dar certo”. De modo semelhante, o entrevistado R alega que

* Pesquisa de campo realizada com profissionais que atuam com casais, conduzida no período de dezembro de 2018 a janeiro de 2019.

[...] existem alguns estudos que mostram que os casais entram em crise não porque desvalorizam o casamento, mas sim por valorizarem tanto o relacionamento conjugal, que eles não aceitam a insatisfação. (Entrevistado R)*.

Retornando ao discurso de Polster (2001), isso pode correlacionar-se, em alguma medida, com outro canal de interação resistente, que é a confluência. Em que o indivíduo “envolve pouco gasto de energia por escolha pessoal; ele só tem de se submeter à correnteza do campo e deixar que ela o leve”. (POLSTER, 2001, p. 86).

Neste caso, na relação conjugal em que este é um dos recursos utilizados, as diferenças entre o casal vão sendo como que “empurradas com a barriga” e têm grande probabilidade de não serem tratadas, conversadas ou resolvidas. Pois eles ficam “misturados”, indiscriminados um com o outro. Sendo a escolha desse recurso “uma base frágil para um relacionamento” (POLSTER, 2001, p. 105). Deixando o diálogo, ou a relação, frequentemente ocorrer assim, essa interação resistente, que é um mecanismo neurótico, a pessoa perde “o sentido de si próprio. [...] não pode discriminar entre o que é e o que as outras pessoas são. Não sabe onde ele termina e começam os outros.” (PERLS, 1988, p. 52). Polster, alega ser um recurso que

É um contrato não expresso, muitas vezes com cláusulas ocultas e letras pequenas que talvez sejam conhecidas apenas por um dos sócios. [...] A afirmação feita por uma esposa: “Eu não sei por que ele foi embora, nós nunca tivemos uma briga em todos os anos em que estivemos casados!”, ou um pai que diz: “Mas ele era uma criança tão boa, nunca respondia!”, sugerem a um ouvinte atento um relacionamento frágil, e não bem estruturado. A continuidade não depende de uma harmonia ininterrupta, mas é pontuada ocasionalmente pela discórdia. (POLSTER, 2001, p. 106).

Expressa-se aqui mais uma ocasião em que podem a falta de comunicação e diálogo serem propiciadores dos conflitos nos relacionamentos. Como, durante a pesquisa de campo, o entrevistado P, ao argumentar sobre minhas intenções e mobilização para efetuar a presente pesquisa, diz que “como você falou..., o marido enche a cara, mas quando ele não enche a cara, ele ajuda, né? Então ‘não vou questionar o bêbado, porque também não quero ficar sozinha...’”. (Entrevistado P)*.

Logo, Polster argumenta que “é isso o que acontece em muitos casamentos quando marido e mulher por fim estão fartos um do outro.” (POLSTER, 2001, p. 105), o que pode vir a mover o rompimento do relacionamento por manter-se por longo prazo essa contingência pautada pela confluência.

* Pesquisa de campo realizada com profissionais que atuam com casais, conduzida no período de dezembro de 2018 a janeiro de 2019.

O que pode estar relacionado ao que pontua Bauman (2004) sobre a fluidez e troca constante de relações (aqui ele fala a respeito dos relacionamentos humanos no geral). Assim diz ele, que o “‘relacionamento’ é o assunto mais quente do momento” e [...] está “entre os principais motores do atual ‘boom do aconselhamento’.” (BAUMAN, 2004, p. 9). É aquilo que foi citado anteriormente sobre os chamados “‘relacionamentos de bolso’ do tipo que se ‘pode dispor quando necessário’ e depois tornar a guardar.” (BAUMAN, 2004, p. 10) Além da facilidade de estabelecer contatos virtuais, segundo ele, em detrimento dos presenciais, e acréscimo, que não havendo consenso e diálogo genuíno, “sempre se pode apertar a tecla de deletar”. (BAUMAN, 2004, p. 11).

Como a comunicação pode ser um dos maiores problemas ligados aos conflitos conjugais, e à não escolha do modelo genuíno do diálogo, a questão é abordada por Costa (1998) quando, citando Elisabeth Badinter, afirma que atualmente o “mais precioso bem” é o eu, falar de si próprio, que é claro, é mais importante que o Outro. Reafirmando, assim o que Hycner (1995) diz, sobre a falsa interação, ou seja, trata-se de um monólogo disfarçado de diálogo. Assim, Costa continua dizendo que

Vivemos numa cultura narcísica, inibidora da experiência amorosa. Aprendemos a ‘querer tudo’ porque nos julgamos ‘uma totalidade’ que não pode apresentar fraturas. O outro só é desejado se enriquece nosso ser’. Se, ao contrário, nos pede sacrifícios, é rejeitado de pronto. (COSTA, 1998, p. 133).

Ao realizar uma breve análise de todos os dados anteriormente citados, entendo que considerável número de pessoas ingressa nos relacionamentos conjugais com essa intenção: viver conforme um modelo já conhecido por elas por meio da experiência dentro do lar e afins. Contudo, segundo dados levantados na pesquisa, é visível que “mudanças ocorreram nos últimos anos” (Entrevistado R)*, em relação aos papéis “do homem e da mulher na sociedade, e de alguma maneira eles mantêm os mesmos padrões cerebrais” (Entrevistado R)*.

De igual maneira o entrevistado WI alega “que nós estamos vivendo um contexto de transição, onde os papéis de homens e de mulheres..., eles estão sendo remanejados, repensadas” (Entrevistado WI)*. E mais adiante, prossegue afirmando que “estamos vivendo um desmapeamento... desregulamentação, uma transição para algo que ainda não se formou”.

Assim, muitos ao se depararem com a individualidade do outro na relação e com a necessidade de ter apenas a própria vontade estabelecida e realizada. Ao viverem na prática essa

* Pesquisa de campo realizada com profissionais que atuam com casais, conduzida no período de dezembro de 2018 a janeiro de 2019.

fragilidade das relações, como Bauman pondera, e que acrescento à fala do entrevistado WI, sobre o afastamento das pessoas:

Então esse distanciamento eu diria das pessoas é que vão gerando conflitos familiares. E nós vemos um contexto onde o amor parece que saiu de cena, o que prevalece é uma sociedade hedonista. Onde o meu bem-estar é que vale! Então se o outro vai se prejudicar em decorrência do que eu quero fazer para mim, que se dane! (Entrevistado WI)*.

Desta maneira, desenvolve-se um ambiente em atrito, estabelece-se o conflito, cria-se o litígio. O que inicialmente era amável, amistoso, apazível, belo, carinhoso, empolgante, envolvente, longânimo, entre outros, pode passar a ser um espaço de pesar e sofrimento. Grande parte desse sofrimento aparentemente advém, em alguns casos, da falta de diálogo entre as partes, conforme o entrevistado P afirma: que “...concordo com uma coisa, a partir da minha experiência de consultório [...]: O diálogo murchou!” (Entrevistado P)*.

De modo semelhante, o entrevistado R afirma que “os casais normalmente vêm para a terapiade de casal porque não conseguem resolver conflitos[...] eles têm déficit na habilidade da comunicação[...] por inabilidade em resolução de problemas” (Entrevistado R).

No princípio do relacionamento há um espaço, um tempo que é concedido aos amantes para que, logo depois dos atritos que afloram, cada um tenha a oportunidade de retornar para o aconchego do seu lar, e ali refletir sobre suas atitudes, esfriar a cabeça, colocar as ideias no lugar, relevar uma coisa ou outra... De acordo com o entrevistado E, quando argumenta que “existe uma diferença muito grande entre encontrar com a pessoa e..., viver com ela todos os dias. Além desta questão, a gente tem também os desgastes dos anos de relacionamento né?” (Entrevistado E)*. Com a união conjugal não há mais este espaço para se afastarem um do outro, de forma que o atrito continua ali. Quente. Aflorado. Em contínua tensão. O que, aliado à falta de habilidades de resolução de problemas e à falta de comunicação, aparentemente pode vir a agravar o conflito.

Outra situação, que tem boa relação com a comunicação, diz respeito ao contrato, do acerto prévio e consciente que pode ser estabelecido entre as partes no tocante à relação. O entrevistado WI sugere que se “pensasse na constituição de uma empresa, e que pudesse pensar como estabelecer isso no contrato de casamento” (Entrevistado WI)*.

Deve-se estipular antes de sua abertura aquilo que a empresa irá fazer, comprar, vender, se vai importar ou exportar, qual o público irá atender etc. Assim, diz que o ideal seria as

* Pesquisa de campo realizada com profissionais que atuam com casais, conduzida no período de dezembro de 2018 a janeiro de 2019.

pessoas fazerem esse contrato, sentando-se e negociando, em todas as áreas, o que ocorrerá no relacionamento, como ele pode ser conduzido da melhor maneira. Sobre isso o entrevistado WI lembra que seria bom “estimular as pessoas a ingressar no matrimônio, ou nessa vida a dois com consciência e responsabilidade, sem priorizar que é o homem ou a mulher o mais importante! Ambos são!” (Entrevistado WI)*.

O entrevistado ainda faz uma relação do relacionamento, no sentido do contrato para uma empresa, que ele deve passar constantemente por revisões, ou ter pelo menos um preparo mínimo. E ele exemplifica dizendo: “para viajar tem que olhar o carro antes, não dá para trocar uma roda com o carro em movimento” (Entrevistado WI)*. Semelhantemente, Bauman afirma que “... as relações, da mesma forma que os automóveis, devem passar por revisões regulares para termos certeza de que continuarão funcionando bem.” (BAUMAN, 2004, p. 11).

O entrevistado WI defende sua ideia de fazer um tipo de contrato na relação dizendo

Mas a falta de planejamento, de pensar a vida, levam pessoas e casamentos a serem frustrados, né? Como canta Zeca Pagodinho: “Deixa a Vida me Levar, vida leva eu...”. Isso é bonito cantado, porque na prática é um caos. A vida tem que ser pensada, planejada, arquitetada, é..., estruturada..., se isso não acontecer, é..., o caos, é o que se pressupõe que vai acontecer. (Entrevistado WI)*.

Então, tomando a introjeção de valores e somando-se a falta de comunicação, aliada a esse “treinamento” de padrões relacionais, conforme discorreu o entrevistado R, o entrevistado P declara que em sua larga experiência de consultório as pessoas dizem “ ‘não pude separar...’, eu escuto isso muito: Eu não pude separar, porque minha mãe falou que casamento é para sempre” (Entrevistado P)*. Pode-se pensar com essa fala que são relações conflituosas que encontram sustentação em regras externas ao casal, novamente o centro de valorização está fora delas, foi escolhido e confiado como sendo o correto. Mesmo em detrimento da própria satisfação, autenticidade e realização da própria vontade, o casal, ou um dos envolvidos, vivencia e tenta seguir as regras e costumes aos quais, como já citado, está apenas acostumado ou ajustado.

Nesse íterim, segundo a aludida modernidade líquida na qual o bem-estar próprio é o que conta e o que se vive, penso não haver muita, uma completa divergência do amor vivenciado nos modelos conjugais arcaicos se o observamos na ótica de Bauman. Pois ele faz uma discussão sobre o “amar o próximo como a si mesmo” envolver a necessidade desse

* Pesquisa de campo realizada com profissionais que atuam com casais, conduzida no período de dezembro de 2018 a janeiro de 2019.

amor ao próximo conter evidentemente a necessidade de primeiro amar a si mesmo. Acredito ser então uma forma ou modo, entrelinhas e relativamente, egoísta de amor, quando ele afirma:

[...] o que amamos em nosso amor-próprio são os eus apropriados para serem amados. O que amamos é o estado, ou a esperança, de sermos amados. De sermos objetos dignos do amor, sermos reconhecidos como tais e recebemos a prova desse reconhecimento. (BAUMAN, 2004, p. 72).

O entrevistado P concorda com algumas das premissas discutidas acima, mas também na contramão, propõe, ao discutir sobre a modernidade líquida analisada por Bauman, que ocorre também uma inventividade. De acordo com o entrevistado P “a lógica capitalista moderna, não vou falar agora nem dá pós-moderna, a lógica cultural capitalista [...] que diz: ‘Olha, há falta, né? Porque o capitalismo precisa gerar falta.’”. (Entrevistado P)*.

Assim, a demanda criada diz que “olha te falta um maridinho que..., né? Que seja assim, que seja assado..., que te completa” (Entrevistado P)*, e muitos sonham e desejam viver o amor romântico, tal qual o vendido pelas histórias de amor. Mas o atual (ou o que se esperava viver dele) pode estar querendo obter como lucro, ou como solução à demanda de falta, a sua completude. O que o entrevistado entende como uma “produção social deste amor” e que vivemos assim um momento de inconsistência (Entrevistado P)*.

E assim, narrando alguns casos “atípicos” e inventivos que atende, o entrevistado P conclui dizendo que esse é um momento de transição, onde

[...] há inconsistência, há também novas consistências. Sabe o que é novas consistências? ‘Nossa, três amores juntos..., nossa, as formas de organização da família são muito diferentes. Porque tem ela, conselhos dela e ele conselhos dele, depois eles têm filhos..., eles se separam..., tem novos parceiros..., não é uma família, é uma tribo, não é uma família nuclear, rsrsrs..., uma tribo humana, uma tribo contemporânea. (Entrevistado P)*.

Trilhando essa mesma lógica, de transição, do referido “desmapeamento” citado anteriormente por Singly (2007), dessa inventividade citada pelo entrevistado P, e da ideia da razão de ansiedade de May “que um mundo está morrendo e o novo ainda não nasceu.” (MAY, 2000, p. 111), o entrevistado W também discorre sobre as constantes mudanças no cotidiano e diz ao início da entrevista que

* Pesquisa de campo realizada com profissionais que atuam com casais, conduzida no período de dezembro de 2018 a janeiro de 2019.

[...] eu queria colocar que eu não gostaria de chamar o conceito: Família. Eu vou chamar mais..., eu vou denominar [...] o conceito mais amplamente que eu trabalho... e que é exatamente: Relações de parentesco. Por quê? Porque as relações de parentesco..., uma delas..., não é a única, foi denominado, com a modernidade a partir de 1800..., por aí, o nome: família. (Entrevistado W)*.

E continua fazendo um breve histórico, ao expor como a sociedade e as relações continuam em transformação, “de acordo, né?... Com as condições socioeconômicas..., culturais específicas de cada sociedade.” (Entrevistado W)*. Também ao mencionar Bauman, o entrevistado associa essas mudanças atrelando-as à mudança do capital, que segundo ele é “um capital mais volátil, líquido e sem uma Pátria..., sem território definido chamado nação.” (Entrevistado W)*. Ou seja, se refere as facilidades, amplitude e integração político, econômica e cultural que a globalização nos permite. E coloca como grande facilitador o próprio mercado de consumo, questionando como “é curioso que a subjetividade das pessoas também começa a sofrer esse embate, né?” (Entrevistado W)*. E conclui o argumento dizendo “se a gente não compreender que houve uma mudança fortíssima do modelo econômico e do modelo do Estado..., a gente não vai dar conta de entender porque que *a família, a escola, as igrejas mudaram completamente.*” (Entrevistado W, grifo do autor)*.

Tamanhas mudanças no sistema familiar impõem novos comportamentos, estabelecem condutas e funções diversas, em suas próprias palavras, “não quer dizer que a família, a família pós-moderna..., eu chamaria de organizações tentaculares, de tentáculos..., como um polvo. Entendeu a ideia?” (Entrevistado W), que por vez trazem consigo os filhos gerados em outras relações (KEHL, 2013), fazem que tanto o homem, quanto a mulher perda, ou se desoriente, quanto as suas funções maternas e paternas, ainda que elas não sejam atreladas aos gêneros. Que de acordo com a autora referida pelo entrevistado, ela encontra em sua experiência clínica “pais e mães que afirmam não conseguir impor limites a seus filhos porque ‘eles não deixam’. São *adultos desnorteados, que desconhecem os fundamentos simbólicos de sua autoridade*” (KEHL, 2013, grifo do autor).

Segundo o entrevistado W, que traz em seu discurso vários dados interessantes, o que me chama bastante a atenção é a situação que ele afirma que no antigo padrão familiar mais conhecido — o conhecido modelo patriarcal que Singly (2007) abordou, e afirma que teve uma grande mudança a partir dos anos 60,

[...] homem nenhum tinha problema de ereção..., ejaculação precoce, entendeu? Isso era garantido. O Viagra só aparece nos anos 60, 70, e era utilizado para pessoas com

* Pesquisa de campo realizada com profissionais que atuam com casais, conduzida no período de dezembro de 2018 a janeiro de 2019.

deficiências físicas, idosos. Hoje, é o remédio mais vendido(!) no mundo. Ele ganha, assim..., de disparado de medicamentos cardiovasculares..., do câncer... (Entrevistado W)*.

Assim, encerra seu discurso demonstrando sua interpretação de que, em muitos casos, uma das demandas, para o gênero masculino, dentro dessas relações sem um “norte”, líquidas e confluentes com as novidades dos modelos econômicos, patologias, como crise de ereção ou ejaculação precoce, surgem, pois o homem, que antes “estava preso a um modelo masculino, hierárquico..., com a dominância econômica” (Entrevistado W)*. Mas agora ele percebe “que não dá para sustentar mais aquele modelo masculino, entendeu? Ele ruiu e está enfraquecido. Ele tem que enfrentar agora uma mulher, né? Casada com ele, que trabalha..., e ganha..., e tem outras relações, inclusive outros desejos” (Entrevistado W)*.

Observando por outra perspectiva, o entrevistado WI, ao discorrer sobre esse assunto, a saber, a mudança de papéis, atribuições e funções no interior dos relacionamentos conjugais, reitera que na sua experiência de consultório, e trazendo dados estatísticos, diz que a mulher

[...] que estabelece regras e traz o dinheiro, que domina, que é que coordena tudo..., *a longo prazo, o que acontece é um estresse, é um adoecimento*. É..., não sei se você já viu alguma coisa..., mulheres que alcançaram patamar de presidência no mundo corporativo, e tal. É..., *reclamando de que gostaria de ter tempo para ser dona de casa, de cuidar de filho, de cuidar de marido...*, que este momento de casa era desejado e dava mais prazer do que ser aquela de segurar a onda e que governa tudo. (Entrevistado WI, grifo do autor)*.

Além disso, alega que em algumas categorias profissionais, a mulher que tem dupla ou mais jornadas de trabalho

[...]o marido não vai conseguir bancar e vai cortar a luz, vai ter dificuldade, o filho não vai poder estudar em uma escola X, é..., *e isso gera um cansaço, um estresse muito grande, um adoecimento e afastamento de trabalho*. (Entrevistado WI, grifo do autor)*.

São tempos novos, nos cobramos de modos novos, de igual maneira, estamos, por exemplo, aprendendo tanto a utilizar os benefícios quanto descobrindo os malefícios, dos recursos oferecidos pelo advento da Internet. Por meio dela Bauman (2011) diz que “o contato face a face é substituído pelo contato tela a tela dos monitores; as superfícies é que entram em contato.” (BAUMAN, 2011, p. 27). De acordo com ele “a proximidade não exige mais a contiguidade física; e a contiguidade física não determina mais a proximidade.” (BAUMAN,

* Pesquisa de campo realizada com profissionais que atuam com casais, conduzida no período de dezembro de 2018 a janeiro de 2019.

2004, p. 58), os casais, as pessoas, estão ao mesmo tempo perto e longe umas das outras. Isso faz com que percam a habilidade de se alimentar e fomentar as interações interpessoais, em “treinar” o diálogo e até mesmo para se estabelecer o contato corpo a corpo, olho no olho, deixando então que virem atividades em desuso (BAUMAN, 2004, p. 56-61). Ademais, segundo ele,

[...] esse mundo, nosso mundo líquido moderno, sempre nos surpreende; o que hoje parece correto e apropriado amanhã pode muito bem se tornar fútil, fantasioso ou lamentavelmente equivocado [...] somos perpetuamente arrastados na viagem, por bem ou por mal, conscientes ou não, alegres ou infelizes, mesmo que tentemos ficar parados, sem sair do lugar. (BAUMAN, 2011, p. 8-9).

O que deixa evidente uma das possibilidades de origem das falhas na comunicação entre os participantes do relacionamento conjugal. Vale destacar a parte final da fala de P:

[...] há inconsistência, há também novas consistências. Sabe o que que é novas consistências? ‘Nossa três amores juntos..., nossa as formas de organização da família são muito diferentes. Porque tem ela, conselhos dela e ele conselhos dele, depois eles têm filhos..., eles se separam..., tem novos parceiros..., não é uma família é uma tribo, não é uma família nuclear, rrsrrsrs..., uma tribo humana, uma tribo contemporânea. Então você tá pesquisando aquilo que tá nascendo de novo como empobrecimento da vida e nascendo de novo como enriquecimento da vida... [...] fazendo um mapa de alguma coisa que está em trânsito.’ (Entrevistado P)*.

Pois, ainda que o novo esteja sendo paulatinamente construído, por todos nós, estabelecendo sucessivamente o que Arendt (2010) chamou de “a condição humana”, e existam também as várias introjeções pelas quais as pessoas decidem seguir, de acordo com o que anteriormente foi citado por Rogers e Stevens (1978), sempre houve e sempre haverá dificuldades e adversidades nos relacionamentos, e havendo ou não um padrão, que dê um norte, um caminho a trilhar no relacionamento, o entrevistado E diz que

A única regra que eu vejo que é importante seguir nesse sentido é o respeito, tirando isso, cada casal tem o seu funcionamento... cada casal vai fazer as coisas acontecerem da forma que eles entendem que deve ser, que seja boa para ambos. Não tem uma norma, o que dá certo para um, não necessariamente dá certo para outro. Eles vão encontrar com a vivência de casal, uma forma de lidar com o dia-a-dia no relacionamento. (Entrevistado E)*.

De maneira similar, o entrevistado R pondera que

* Pesquisa de campo realizada com profissionais que atuam com casais, conduzida no período de dezembro de 2018 a janeiro de 2019.

[...] certamente as mudanças ocorreram nos últimos anos porque houve uma mudança considerável no papel do homem e da mulher na sociedade [...] então é bastante notório que essa mudança no padrão geracional, dos homens e das mulheres, em suas funções no dia a dia, tenha provocado maior número de conflitos e crises dentro das famílias. (Entrevistado R)*.

Sendo assim, continua ele dizendo que não tem e nem dá para trabalhar “com nenhuma categoria específica de padrões, eles são idiossincráticos, cada casal possui o seu.” (Entrevistado R)*.

Na pesquisa de campo, em conformidade com o entrevistado P ao manifestar-se sobre o que poderia vir a ser, predominantemente, um motivo nos atuais conflitos conjugais ele disse que não “saberia dizer se algo é..., que a gente poderia colocar como causa única, porque tudo é muito plural e as causas são inúmeras.” (Entrevistado P)*. A mesma questão foi enunciada, pelos diferentes profissionais, de forma heterogênea, no entanto, poucas outras motivações surgiram e coincidiram nos relatos de suas experiências (algumas surgiram apenas individualmente).

Uma questão apontada pelo entrevistado WI diz respeito a falta de proteção, segurança e amparo por parte do cônjuge, principalmente no que tange à mulher, que se frustra quando não tem satisfeita a expectativa de que o parceiro lhe permita sentir-se protegida, segura e de alguma forma sempre amparada.

Outro aspecto pontuado pelo entrevistado R, as crenças de desamor, desvalor e desamparo, as quais seriam situações em que a pessoa percebe a realidade de forma distorcida, o que pode acarretar certa deformação das emoções e do próprio comportamento final, seja ele para resolução de um problema ou para a comunicação conjugal.

Por fim, tal como proposto pelo entrevistado W, o intercruzamento de influências milenares das relações sociais e de gênero seriam as origens e as bases dos modelos, conceitos, tabus, normas, dentre outros, que ainda pairam sobre a sociedade, que não desapareceram totalmente e acabam, de certo modo, induzindo as condutas das pessoas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conflitos, seja de qual ordem for, apresentam reflexos que vão além das relações a que se subordinam ou a que estão diretamente relacionados. E a relevância em compreendê-

* Pesquisa de campo realizada com profissionais que atuam com casais, conduzida no período de dezembro de 2018 a janeiro de 2019.

los e reconhecê-los melhor, em suas várias facetas, permite aos sujeitos instituírem uma melhor qualidade de vida e a colaborar na redução dos efeitos danosos em suas relações.

Não se teve a pretensão de localizar de forma contundente ou acertada uma resposta final e conclusiva para a conjugalidade em atrito, no período denominado por Bauman como “modernidade líquida”. Os resultados, a partir dos dados e narrativas fornecidos pelos informantes, dizem respeito a um pequeno grupo da população.

Entretanto, a investigação respondeu de forma breve aos objetivos propostos. Pode-se verificar que, ainda que se mantenham alguns valores conservadores, o relacionamento conjugal não possui atualmente um padrão prevalente ou fixo para se estabelecer. Percebe-se, ainda, que diante das tantas alterações que se inscrevem nas diversas culturas, não somente a brasileira, que a relação de conjugalidade mantém alguns traços do patriarcado (baseado na presença de pai, mãe, filhos e hierarquia), contudo vêm se construindo e reeditando-se de modo “inventivo” na sociedade. Existem múltiplas fontes de conflitos, porém, em muitos casos, os atritos se estabelecem devido à carência de comunicação entre as partes. Quanto à literatura psicológica e social, este estudo, ainda que bastante limitado, pode agora fornecer a sua modesta contribuição ao debate sobre o tema.

Sugere-se, a partir desse trabalho que o tema pesquisado seja analisado qualitativa e quantitativamente com profissionais diversos, em diferentes regiões, que inclua, também, a fala e a perspectiva de casais que se encontram em atrito. Ainda, é necessário realizar maior aprofundamento na discussão sobre a comunicação, uma vez que é ela o problema que mais aparece nos relatos dos profissionais entrevistados.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo; revisão técnica: Adriano Correia. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAUMAN, Zigmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, ed. 2004. *E-book*. Disponível em: http://lelivros.love/book/download-amor-liquido-zygmunt-bauman-em-epub-mobi-e-pdf/#tab-additional_information. Acesso em: 03 abr. 2019.

BRISOLA, Elisa Maria Andrade; MARCONDES, Nilsem Aparecida Vieira. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista UNIVAP on-line**. v. 20, n. 35. 2014. Disponível em:

<https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/228/210>. Acesso em: 29 jan. 2019b.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem Fraude Nem Favor**: estudos sobre o amor romântico. 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

FREUD, Sigmund. **Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917)**. In: Edição Standard Brasileira das obras completas de Sigmund Freud, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HYCNER, Richard. **De pessoa a pessoa**: Psicoterapia dialógica. São Paulo: Summus. 2. ed. 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Biblioteca. **Estatísticas do registro civil 2016**. Rio de Janeiro. v. 43, p. 1-8, 2016. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2016_v43_informativo.pdf. Acesso em: 20 maio 2018.

KEHL, Maria Rita. **Maria Rita Kehl: em defesa da família tentacular**. Fronteiras do Pensamento. Artigos. 01/12/2013. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/maria-rita-kehl-em-defesa-da-familia-tentacular>. Acesso em: 16 maio 2019.

MAY, Rollo. **A psicologia e o dilema humano**. Tradução de Carlos Alberto Silveira Netto Soares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PERLS, Frederick S. **A abordagem Gestáltica e testemunha ocular da terapia**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC- Livros Técnicos e Científicos, 1988.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE MINAS GERAIS. InfoView. **Armazém de dados prodemge**. Documentos Internos PMMG. Disponível em: <https://www1.armazemsids.mg.gov.br/InfoViewApp/logon.jsp>. Acesso em: 18 jan. 2019.

POLSTER, Erving. **Gestalt-terapia integrada**. Erving Polster, Miriam Polster; Tradução de Sonia Augusto. São Paulo: Summus, 2001.

ROGERS, Carl Ranson. **De pessoa para pessoa**: o problema de ser humano, uma nova tendência na psicologia. (por) Carl R. Rogers e Barry Stevens e colaborações de Eugene T. Gendlin, John M. Shlien e Wilson Van Dusen; Tradução de Miriam L. Moreira Leite e Dante Moreira Leite. 2. ed. São Paulo. Pioneira, 1977.

SEVERO, Maria Lúcia. *et al.* “A Condição Humana”: Relendo Hannah Arendt. **Seminário de Filosofia e Sociedade**: Multiplicando pensamentos. Unesc. v.1. 2017. Disponível em: <http://periodicos.unesc.net/filosofia/article/view/3554/3341>. Acesso em: 15 abr. 2018.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**/ François de Singly; Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. Cap 5, p.127-135.

SIQUEIRA, Paula. Ser Afetado, de Jeanne Favret-Saada. Universidade de São Paulo. **Cadernos de Campo**. v.13 n.13: 155-161. 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263/54376>. Acesso em: 8 abr. 2018.